

RESENHA

MATTHEWS, John A.; HERBERT, David T. (Eds.). *Unifying Geography – common heritage, shared future*. London; New York, Routledge: 2004.

Quando geógrafos ligados a diferentes perspectivas da abordagem espacial conseguem trabalhar juntos o resultado é, em geral, bastante rico e interessante. Isto pode ser observado em duas instâncias distintas, mas não excludentes: a) na geografia aplicada, onde se detecta uma maior realização de atividades conjuntas, na qual os desafios suscitados pela realidade imediata demandam respostas objetivas e rápidas no seu exame; e b) no debate epistemológico, este reunindo uma parcela muito pequena de geógrafos, talvez por sua menor clara expressividade material que aquela. Uma se situa no plano da materialidade, do cotidiano direto e da ação, a outra no plano da reflexão, do debate e das idéias. Uma não existe sem a outra, ainda que anacronismos importantes sejam observados no desenvolvimento de uma em relação à outra. A atividade acadêmica pode acordar a prática das duas.

A constatação acima reflete, de certa maneira, um clássico debate que marca a geografia desde sua origem enquanto ciência moderna, e é sempre necessário insistir no fato de que o pensamento e o conhecimento geográfico são muito mais amplos e instigadores que ela mesma. O clássico debate refere-se à dualidade e dicotomia da geografia, dividida que é em dois grandes campos de interesse, quais sejam, o da geografia física e o da geografia humana. Ambos são de fundamental importância para a composição do seu status enquanto campo do conhecimento humano, particularmente quando de sua consolidação enquanto ciência moderna.

Muitos não de dizer tratar-se de uma discussão ultrapassada. Outros apontarão as questões não respondidas, as inquietações que permanecem, os

desafios a ultrapassar, convictos de que os debates não se encerraram. Outros ainda, assumindo a reflexão e o debate como instigadores do avanço do conhecimento, apostam na sua continuidade como necessidade básica à condução da geografia a uma melhor produção acadêmica e um maior reconhecimento no campo da ciência contemporânea e futura.

Esta última condição, que conta com uma relativa pequena quantidade de obras, recebeu recentemente um considerável reforço com a publicação, em 2004, da obra *Unifying Geography – common heritage, shared future*, lançada simultaneamente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Quisera o interesse de editoras brasileiras seja despertado para sua tradução para o português, e posterior publicação, o que seria de grande valia para os interessantes debates que acerca desta temática marcam principalmente, a geografia brasileira dos últimos trinta anos.

Organizada e editada por dois geógrafos galeses (University of Wales – Swansea – País de Gales), cada um ligado a um dos dois grandes campos de interesse da geografia, a obra encontra-se dividida em oito partes, assim distribuída: I. Introdução geral; II. Metodologias geográficas; III. Um foco no meio ambiente; IV. A significância do lugar; V. Paisagem: a face da Geografia; VI. Geografia aplicada: contribuindo para a solução de problemas reais do mundo; VII. Broader frameworks em teoria e prática; e VIII. Conclusão geral. Trata-se da contribuição de diferentes e importantes geógrafos ligados às distintas abordagens da geografia que, envolvidos por um “chamamento” à reflexão relativa à sua unificação, discorrem acerca de especificidades e potencialidades desta ciência.

Para além dos clássicos temas e interesses da abordagem geográfica, como aqueles relativos ao território, ao lugar, à paisagem, ao urbano, ao rural, ao humano, ao físico, etc., a obra advoga pela conjunção da geografia humana e da geografia física como uma necessidade imperante no momento atual. Esta unidade, sonhada e buscada (mas não menos problemática), aparece como um reforço da especificidade geográfica e deste campo do conhecimento na seara científica presente. Ela garantiria, aos geógrafos, tanto condições de melhor enfrentamento das lutas corporativas que se intensificam cada vez mais, quanto uma melhor qualificação para responder às demandas apresentadas pelos problemas do mundo contemporâneo.

Três aspectos destacam-se da argumentação apresentada pela obra os quais estariam tanto na base operacional do processo de unificação, quanto no aprofundamento de suas particulares técnicas e científicas. Trata-se da atribuição à uma (a) revalorização do trabalho de campo (empirismo!) e sua retomada como estratégia de fundamental importância para a

produção do conhecimento geográfico; (b) do avanço do conhecimento acerca da representação espacial, particularmente da cartografia e do geoprocessamento, e de sua reconquista como *savoir-faire* geográfico, pois que têm sido uma ferramenta de generalizado emprego por outros profissionais não habilitados; e (c) da abordagem ambiental, não somente como temática unificadora dos dois grandes campos de interesse da geografia, mas sobretudo pelos importantes desafios que enquanto problemática ela impõe à sociedade do presente e do futuro. De toda maneira, a obra permite constatar a reafirmação que esta abordagem - a relação sociedade-natureza na constituição do espaço geográfico - esta na base da própria geografia.

Instigante ao debate, mas bastante informativa independentemente dele, a obra é um convite àqueles geógrafos que se inquietam diante da epistemologia de sua ciência. Mas, seu conteúdo pode trazer esclarecimentos a todos que, direta ou indiretamente, estejam ligados à geografia. Que ela sirva de alimento ao debate acerca dos caminhos dos geógrafos.

Francisco Mendonça – UFPR.
Paris, junho/2005.